

## O chão que floresce: a história de Maria do Socorro e João Batista, agricultura e agricultor de Boqueirão-PB

Maria do Socorro de Souza Cavalcante e João Batista Gomes Cavalcante construíram não só uma família, mas um modo de vida profundamente ligado à terra, à luta e à memória do Semiárido. O casal vive no município de Boqueirão, Paraíba, na comunidade Bento de Cima, lugar onde João nasceu e se criou. Já Socorro, sergipana de nascimento, chegou ainda bebê à Paraíba, onde cresceu e fincou raízes.

Foi na década de 1980 que os caminhos de Socorro e João se cruzaram. Ambos trabalhavam numa fazenda em Campina Grande: ela, como trabalhadora doméstica; ele, vaqueiro e tratorista. Dali nasceu não só o amor, mas um projeto de vida comum. Casaram-se e logo nasceu o primeiro filho, João Márcio, seguido por Jaílson e Jaqueline. Por muito tempo, viveram em terras de fazendas, migrando conforme a oferta de trabalho, até que veio o cansaço de morar em casa alheia. Foi então por volta de 1992, que começaram a erguer, aos poucos, a própria casa.



Socorro lembra que naquele tempo, tudo era mata e roçado. A família criava galinhas e porcos, garantindo o sustento e até o vestuário. João fazia alguns bicos, e a água era um desafio diário: O abastecimento vinha da cisterna da escola, através do carro-pipa e abastecia cerca de 30 famílias da comunidade. Socorro, sempre cuidadosa, encontrava maneiras de reaproveitar cada gota: a água da lavagem de pratos, por exemplo, seguia para a pequena horta nos fundos de casa, onde sempre cultivou seus temperos caseiros.

Em 1999, chegou o poço Amazonas, cavado em mutirão por um programa emergencial do governo federal e que servia para matar a sede dos animais no período da estiagem. A vida começou a mudar de fato em 2003, com a chegada da primeira cisterna através do Programa Um Milhão de Cisternas, da Articulação do Semiárido Brasileiro. Um ano depois, a cisterna encheu pela primeira vez e, com isso, a família pôde respirar um pouco mais aliviada. Em 2014, uma nova conquista: a construção da cisterna calçadão, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), que ampliou o cultivo de hortaliças e fortaleceu a segurança alimentar da família.



“Naquela época a gente começou a vender na Tenda Agroecológica de Boqueirão: hortaliças, queijo de cabra, leite, galinha abatida, ovos de capoeira. E de vez em quando um porquinho”, conta Socorro. As políticas públicas de acesso à água e as tecnologias sociais marcaram um período próspero para a família.

Em 2015, com o apoio de um projeto do curso de Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, foi construída uma barragem subterrânea na propriedade. A barragem ajudou a reter água no solo e fortalecer o poço, antes ameaçado pela compactação do solo. “Antes eu tocava fogo nos galhos e folhas, hoje a gente junta tudo. Com o cultivo da gliricídia aprendi que ela serve para o solo e para os animais. Aprendemos a fazer o manejo de conservação do solo, a curva de nível com a palma para reter água, e até receitas naturais para cuidar das pragas”, relata João, agradecido pelos aprendizados trazidos pelos técnicos e professores da universidade.

Com o Fundo Rotativo Solidário apoiado pelo CASACO, organização que acompanha a família investiu em telas para fortalecer a criação animal e implementaram um fogão e uma fossa ecológica. Participaram de intercâmbios do P1+2, onde puderam ensinar e aprender com outras famílias sobre práticas agroecológicas e de convivência com o Semiárido.

A família também acessou o Pronaf B para estruturar a propriedade: plantaram palma, cercaram o terreno, construíram a pocilga, adquiriram uma forrageira e criaram um espaço para armazenar a forragem. Em períodos de maior dificuldade, contaram com o apoio de programas sociais como o Garantia Safra, o Bolsa Família e o Vale Gás.

Hoje aposentados, Socorro e João vivem da produção para o próprio consumo, mas sempre têm um excedente para vender à vizinhança. Diversificaram a produção, com frutas como acerola, manga, goiaba, limão siciliano, amora, maracujá e pitaya, que se somam às hortaliças, ervas medicinais, raízes e forrageiras como gliricídia, leucena, moringa e capim elefante e ainda criam galinhas de capoeira, peru, guiné, carneiro e porco.

A família também conserva espécies nativas e sementes crioulas, como o milho jabatão, o feijão macassar, o jerimum caboclo, além de uma preciosidade: a galinha dourada, uma linhagem rara que Socorro recebeu de presente de sua mãe quando se casou, há 37 anos. Por conta desse cuidado, a galinha dourada da família ganhou um prêmio estadual, tornando-se símbolo da conservação da semente animal, memória afetiva e da resistência que marca a trajetória deles.



Além do poço Amazonas e da barragem subterrânea, a família conta com um tanque de reuso de água. No quintal de Socorro e João, cada planta e cada animal carrega uma história. É um chão que floresce, não só pela diversidade que alimenta a casa e a comunidade, mas pelo conhecimento partilhado, pelas sementes conservadas e pelo sonho de que a terra, muito bem cuidada, possa sempre resistir aos períodos de estiagem e aos desafios da convivência com o Semiárido.